

Do Estigma à Exclusão: história de corpos (des)acreditados

Lívia Gonsalves Toledo¹

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

Baseado em sua tese de Doutorado *As transmutações do corpo e a invenção da extrofia-visical*, 2000, o Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, fundamentado em autores como Foucault, Guattari, Deleuze, Freud e Lacan, apresenta os modos de existência e os caminhos traçados por pessoas envolvidas com o que a Medicina chamou de extrofia-visical, a qual é uma condição física inata que rompe com os padrões sociais normativos de corpo humano, e que no campo social é vista como imperfeição e, portanto, estigmatizada. Fernando é psicólogo, psicanalista, pós-doutor pela Universidade Charles de Gaulle, em Lille, França e professor da Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Assis-SP. Ele vem desenvolvendo trabalhos na área da sexualidade e gênero, educação, adoção, estigmatização e exclusão. O livro *Do Estigma à Exclusão: história de corpos (des)acreditados*² vem como uma obra que comporta um exemplo dos campos de atuação e trabalhos realizados pelo autor.

Essa obra apresenta-se como um trabalho enciclopédico composto por cinco detalhados capítulos, que problematiza e questiona os posicionamentos médicos, assistencialistas, educacionais, religiosos e familiares com o intuito de mostrar que o corpo possui materialidades, contudo, não é uma essência fixa e historicamente atemporal. Fernando expõe como o sistema hegemônico de produção homogênea e naturalista dos corpos os cria e modela historicamente por meio das instituições, ciências etc, ou seja, como alguns dispositivos de poder operam nos corpos e subjetividades produzindo a sua homogeneização. Assim, esses processos irão criar modelos de existência, o que “implica o achatamento de singularidades”.

O primeiro capítulo compreende os processos que tornam a extrofia-visical uma natureza e traz a moral e a ética como processos de subjetivação; a primeira que permite a estigmatização por meio de regras coercitivas que julgam por meio de valores transcendentais, e a segunda que permite uma subjetivação estética por meio de regras facultativas que avaliam as coisas em função do modo de existência que implica. Assim, são investigadas as bases filosóficas e conceituais que influenciam na transmutação desse corpo-extrínseco em estigma.

No capítulo 2, baseado na idéia de devir, ou seja, que o corpo é uma máquina maquínica com múltiplas formas e modos de subjetivação, Fernando fala sobre o

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista, autora de A homofobia na representação de mães heterossexuais sobre a homoparentalidade (Toledo, L. G.; Teixeira Filho, F. S.; Godinho, P. H. In Toledo, L. G. (2007). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis* (pp. 301-319). Rio de Janeiro: Garamond.) e Mãe-sogra: sua representação do relacionamento lésbico. (Toledo, L. G. (2007). *Revista Ártemis*, v.6, 85-96).

² Do estigma à exclusão: história de corpos (des)acreditados. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2005.

método da corp@logia (neologismo criado para se pensar o papel e a virtualidade do corpo na gênese da subjetividade). A partir de narrativas das histórias dos pais das crianças que nasceram com essa particularidade e o seu lidar com elas e da análise de como os sujeitos-extróficos vivenciam essa estigmatização, esse método de análise cartográfica dos afectos possibilita desnaturalizar os estigmas atribuídos ao corpo extrófico.

No capítulo 3, o autor detém-se numa aclaração minuciosa das linhas de composição do campo problemático no qual a Medicina, o Hospital e o Estado inseriram o corpo-extrófico desde a Idade Média. Ou seja, como essas instituições se articularam, criando “verdades” que apontam então o que é “normal” e “anormal”, resultando na rotulação desse corpo como uma anomalia, doença, malformação congênita, disfunção genética. A “monstruosidade” dos estigmas que os corpos humanos carregam são legitimados pelo discurso da normalidade (médica/filosófica/pedagógica/religiosa). Fernando mostra, contudo, que são esses mesmos corpos que são extratos da vida e compõem também o que vemos ser humano diverso.

O capítulo 4 fala sobre a família e a educação diante dessa distinção humana, e “trabalha a produção de atributos dados a esse corpo extrófico a partir de práticas sociais e familiares criadas para se lidar e conviver com esse modo de ser do corpo”, higienizando-o. Assim, explica a relação entre o físico (o corpo-suporte) e as suas relações com o Imaginário, o Simbólico e o Real, “um regime [em] que se encontra a ordem do gozo do corpo, isto, é de desterritorialização absoluta”, para Deleuze e Guattari, a dimensão onde ocorrem os fluxos, os afectos e os devires que o desejo se constituiu.

No Capítulo 5, o autor mostra como se dão os desdobramentos da sexualidade e o uso dos prazeres das pessoas em tal condição física e apresenta a perspectiva psicanalítica do corpo extrófico, que quando tomada por um processo capitalístico de subjetivação, tende a prescrever modos de existência implicando na estigmatização. Ainda, esse capítulo fala sobre as dimensões do Real no corpo-suporte (atual), que é a atualização de um corpo-sem-órgãos (virtual) – dois modos de viver não excludentes, unidos pelos devires – e descreve seus processos de composição.

Apresentando a genealogia da extrofia visical – em um âmbito mais específico – e dos estigmas – em um âmbito mais geral – Fernando deixa clara a limitação humana em conviver com a diferença, e aponta “que estigmatizar um corpo nada tem a ver com ser ‘bom’ ou ‘mau’.”, mas, são práticas sociais que delimitam os modos de existência. Fernando coloca a esperança na ética “como um possível para que as criaturas da natureza possam coexistir”. Propõe, então, ao leitor, pensar o humano como uma construção múltipla que se organiza em um exercício fecundo de análise e interpretação dos discursos, neles recuperando uma multiplicidade de possibilidades de subjetivações, estimulando nossa reflexão sobre a potência de expansão dos corpos-suporte, quaisquer sejam os estigmas que esses carreguem. Uma obra recomendada a todos(as) aqueles(as) que se interessam a pensar a desnaturalização dos corpos, das marcas, dos estigmas que esses corpos carregam, sejam esse físicos ou subjetivos, como formas de expressão da vida.

Recebido: junho de 2008.

Aprovado: fevereiro de 2009.